

JEFFREY EUGENIDES

# Middlesex

*Tradução*

Christian Schwartz



Copyright © 2002 by Jeffrey Eugenides

*Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou total em qualquer meio.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Middlesex

*Capa*  
Elisa von Randow

*Imagem da capa*  
Estátua de mármore de Afrodite de Cnido, séculos I-II a.C. Museo Nazionale Romano, Roma

*Imagem da quarta capa*  
Estátua de mármore de uma juventude, século I a.C. The Metropolitan Museum of Art, Nova York

*Preparação*  
Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*  
Jane Pessoa  
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Eugenides, Jeffrey  
Middlesex / Jeffrey Eugenides ; tradução Christian Schwartz.  
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Middlesex.  
ISBN 978-85-359-2495-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

14-09447

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

LIVRO UM

# A colher de prata

Nasci duas vezes: primeiro como uma bebezinha, em janeiro de 1960, num dia notável pela ausência de poluição no ar de Detroit; e de novo como um menino adolescente, numa sala de emergências nas proximidades de Petoskey, Michigan, em agosto de 1974. Os leitores especializados podem ter ficado sabendo do meu caso pelo estudo do dr. Peter Luce intitulado “Identidade de gênero em pseudo-hermafroditas com 5-alfa-redutase”, publicado no *Journal of Pediatric Endocrinology* em 1975. Ou talvez tenham visto minha fotografia no capítulo 16 do hoje infelizmente desatualizado *Genética e hereditariedade*. Sou eu na página 578, totalmente sem roupa, de pé ao lado de um gráfico de medição de altura com uma tarja preta cobrindo os olhos.

Minha certidão de nascimento informa que me chamo Calíope Helen Stephanides. Minha carteira de habilitação mais recente (da República Federal da Alemanha) registra como meu primeiro nome simplesmente Cal. Joguei no gol de um time de hóquei, há muito tempo milito na Fundação Salve o Peixe-Boi, raramente frequento as missas da Igreja Ortodoxa grega e, na maior parte da minha vida adulta, tenho trabalhado para o Departamento de Estado americano. Como Tirésias, fui primeiro uma coisa, depois outra. Meus colegas de escola me ridicularizaram, servi de cobaia para médicos, me submeti às apalpações de especialistas e às pesquisas da Fundação March of

Dimes. Uma garota ruiva de Grosse Pointe se apaixonou por mim sem saber o que eu era. (O irmão dela gostou de mim também.) Certa vez um tanque de guerra me levou a uma batalha urbana; uma piscina me transformou num mito; abandonei meu corpo para ocupar outros — e tudo isso aconteceu antes de eu completar dezesseis anos.

Mas hoje, aos quarenta e um, sinto a aproximação de outro nascimento. Depois de décadas de negligência, enfim penso em tios-avôs e tias-avós que já se foram, em avôs há muito perdidos, em primos de quinto grau que não conheci ou, no caso de uma família endogâmica como a minha, em todas essas coisas ao mesmo tempo. E, portanto, antes que seja tarde, quero registrar essa história de uma vez: essa jornada atribulada de um único gene através dos tempos. Canta, ó Musa, a mutação recessiva do meu quinto cromossomo! Canta como foi que ela floresceu, há dois séculos e meio, nas encostas do Monte Olimpo, enquanto baliavam as cabras e caíam ao chão os frutos das oliveiras. Canta a jornada por nove gerações, através da qual, invisível, ela ganhou corpo no caldo contaminado da família Stephanides. E canta a Providência disfarçada em massacre que de novo pôs o gene em movimento; canta como, soprado feito semente, ele atravessou o mar até a América, onde singrou por nossas chuvas químicas e desceu à terra fértil do útero de uma mulher do Meio-Oeste, minha mãe.

Desculpem se às vezes minha prosa parece um pouco homérica. Também é genético.

Três meses antes do meu nascimento, ao final de um de nossos elaborados almoços de domingo, minha avó, Desdêmona Stephanides, mandou que meu irmão fosse buscar sua caixa de bichos-da-seda. Um-Sete-Um se encaminhava à cozinha para uma segunda rodada de arroz-doce quando ela bloqueou sua passagem. Aos cinquenta e sete anos, baixa e atarracada, com sua intimidante redinha de cabelo, minha avó tinha a compleição perfeita para bloquear passagens. O numeroso contingente feminino do dia se aglomerava atrás dela, na cozinha, rindo e cochichando. Intrigado, Um-Sete-Um se inclinou para ver o que acontecia ali, mas Desdêmona esticou o braço e, com firmeza, deu um beliscão na bochecha do menino. Tendo recuperado sua aten-

ção, desenhou no ar um retângulo e apontou o teto. Em seguida, através da dentadura frouxa, falou: “Vai pegar pra *yia yia*, vai, meu *mou* bonequinho”.

Um-Sete-Um sabia o que fazer. Voou pelo corredor até a sala de estar. De quatro, galgou a escada principal até o segundo piso. Passou rápido pelos quartos ao longo do corredor de cima. Bem no final, havia uma porta quase invisível, coberta com papel de parede, feito uma passagem secreta. Um-Sete-Um localizou com a cabeça a altura da minúscula maçaneta e, usando de toda sua força, destravou-a. Atrás da porta encontrou mais um lance de escadas. Por um longo momento, meu irmão observou, hesitante, a escuridão acima, para enfim começar a subir, agora muito lentamente, até o sótão onde meus avós viviam.

Com um par de tênis nos pés, ele passou debaixo das doze gaiolas forradas de jornal um pouco úmido e penduradas nas vigas. Fingindo naturalidade, adentrou aquele fedor azedo de periquitos e, adiante, o aroma mais peculiar dos meus avós, mistura de naftalina com haxixe. Avançou com cuidado por entre a escrivaninha cheia de livros empilhados e a coleção de discos de *rebetika*, música popular grega, do meu avô. E, finalmente, depois de esbarrar no divã de couro e na mesa de centro de latão, encontrou a cama dos avós e, embaixo dela, a caixa de bichos-da-seda.

Trabalhada em madeira de oliveira, um pouco maior que uma caixa de sapatos, tinha uma tampa de metal perfurada por diminutos orifícios para entrada de ar e adornada com o ícone de um santo desconhecido. O rosto do santo estava apagado, mas os dedos de sua mão direita, erguidos, abençoavam uma amoreira baixa, púrpura, que transparecia uma autoconfiança magnífica. Depois de contemplar por um tempo aquela vívida imagem botânica, Um-Sete-Um puxou a caixa para si e a abriu. Dentro dela havia as duas coroas de casamento feitas de corda e, enroladas feito cobras, duas longas tranças, cada uma delas atada com uma fita preta puída. Cutucou uma das tranças com o indicador. Justo nesse momento, um dos periquitos piou, o que fez meu irmão dar um pulo e fechar a caixa, colocá-la debaixo do braço e levá-la até o andar de baixo para Desdêmona.

Ela continuava no batente da porta, à espera. Tomou a caixa de bichos-da-seda da mão dele e virou as costas. Foi quando Um-Sete-Um teve a chance de vislumbrar o interior da cozinha, onde todas as mulheres tinham ficado em silêncio. Abriam passagem para Desdêmona e ali, bem no centro do linó-

leo, surgiu minha mãe. Tessie Stephanides se recostava numa cadeira, imobilizada detrás do globo de uma imensa barriga de grávida, firme como um tambor. No rosto, uma expressão feliz e indefesa, as bochechas afogueadas e coradas. Desdêmona pousou a caixa de bichos-da-seda na mesa da cozinha e abriu a tampa. Enfiou a mão por baixo das coroas de casamento e das tranças para resgatar algo que Um-Sete-Um não tinha visto: uma colher de prata. Atou um pedaço de barbante ao cabo. Então, inclinando-se à frente, deixou a colher dependurada balançar sobre a barriga inchada da minha mãe. E, por extensão, sobre mim.

Até ali, Desdêmona mantinha um retrospecto impecável: vinte e três palpites corretos. Acertou que Tessie seria Tessie. Previu o sexo do meu irmão e dos bebês de todas as suas amigas da igreja. As únicas crianças que não adivinhou se seriam meninos ou meninas foram as suas, pois dava azar uma mãe perscrutar os mistérios do próprio útero. O da minha mãe, porém, ela perscrutou sem medo. Depois de certa hesitação inicial, a colher balançou do norte para o sul, o que significava que eu seria um menino.

Largada de pernas abertas na cadeira, minha mãe tentou sorrir. Não queria um menino. Já tinha um. Na verdade, estava tão certa de que eu seria uma menina que pensara em apenas um nome para mim: Calíope. Mas, quando minha avó gritou, em grego: “Um menino!”, o grito ecoou pela cozinha, e dali para o corredor, atravessando-o na direção da sala de estar, onde os homens discutiam política. E minha mãe, ao ouvir aquilo ser repetido tantas vezes, começou a acreditar que talvez fosse verdade.

Meu pai, no entanto, assim que lhe chegou o mesmo grito, foi até a cozinha dizer à mãe dele que, dessa vez, a colher tinha errado. “E como é que você sabe?”, perguntou Desdêmona. Ao que meu pai respondeu, como muitos americanos da sua geração teriam feito:

“A ciência explica, mamã.”

Assim que resolveram ter outro bebê — o restaurante ia bem e Um-Sete-Um tinha saído das fraldas fazia um bom tempo —, Milton e Tessie concordaram que queriam uma filha. Um-Sete-Um acabara de completar cinco anos. Recentemente tinha achado no quintal um pássaro morto, que levou para dentro de casa e mostrou à mãe. Gostava de atirar em coisas, martelar

coisas, esmigalhar coisas, e de brincar de luta com seu pai. Num lar assim, tão masculino, Tessie começava a se sentir uma estranha, e já se via, dez anos à frente, prisioneira de um mundo de calotas para carros e hérnias. Minha mãe imaginava uma filha como um elemento de contra-ataque: uma parceira para seu amor por cachorrinhos de estimação e uma apoiadora quando sugerisse uma ida ao show de patinação no gelo dos Ice Capades. Na primavera de 1959, quando começaram a discutir minha concepção, minha mãe não podia prever que logo as mulheres estariam queimando sutiãs aos milhares. Os dela eram do tipo firme, com enchimento, à prova de fogo. Por mais que amasse o filho, Tessie sabia que certas coisas só conseguiria dividir com uma filha.

No carro, a caminho do trabalho, toda manhã, meu pai passou a imaginar uma menininha de olhos negros, irresistivelmente meiga. Ali ia ela, no banco do passageiro — principalmente quando paravam num sinal vermelho — fazendo perguntas que ele ouvia com paciência e sabedoria. “Como se chama aquilo lá, papai?” “Aquilo? Aquilo é o brasão dos Cadillac.” “O que é o brasão dos Cadillac?” “Bom, há muito tempo, existiu um explorador francês chamado Cadillac, que foi quem descobriu Detroit. E aquele é o brasão da família dele, lá na França.” “O que é a França?” “A França é um país da Europa.” “O que é a Europa?” “É um continente, um pedaço de terra, assim, grande, bem maior que um país. Mas os Cadillac agora não chegam mais aqui vindos da Europa, *kukla*. Eles são daqui mesmo, dos bons e velhos Estados Unidos da América.” O sinal ficava verde e ele seguia em frente. Mas aquele protótipo da minha pessoa persistia. No sinal seguinte, lá estava ela, e no outro. Tão agradável era a sua companhia que meu pai, um homem prenhe de iniciativa, decidiu ver o que ele podia fazer para que a imagem se tornasse realidade.

De modo que: já havia algum tempo, na sala de estar onde os homens discutiam política, também se discutia a velocidade dos espermatozoides. Peter Tatakis, “tio Pete”, como o chamávamos, era o líder do grupo de discussão que, toda semana, tomava assento nas namoradeiras pretas da sala. Solteiro a vida inteira, não tinha família nos Estados Unidos e então se ligou à nossa. Chegava todo domingo em seu Buick vinho, um homem alto, de cara enrugada e ar tristonho, a cabeleira ondulada emprestando à cabeça uma vitalidade incongruente. Não se interessava por crianças. Um entusiasta da série Grandes Livros — a qual tinha lido duas vezes —, tio Pete se dedicava ao

alto pensamento e à ópera italiana. Era apaixonado, em história, por Edward Gibbon, e pelos diários de Madame de Staël, em literatura. Gostava de citar a opinião sobre a língua alemã que tinha essa perspicaz senhora, para quem o alemão não seria uma boa língua para conversar, pois é preciso esperar pelo verbo no final da frase e, portanto, impossível interromper o interlocutor. Tio Pete um dia quisera ser médico, mas a “catástrofe” tinha acabado com o sonho. Já nos Estados Unidos, foi estudar quiropraxia, especialidade que praticava num pequeno consultório em Birmingham, onde mantinha um esqueleto humano comprado a prestações que ele ainda não terminara de pagar. Quiropráticos tinham, na época, reputação um pouco dúbia. As pessoas não procuravam tio Pete para uma sessão de liberação de sua energia *kundalini*. Ele estalava pescoços, endireitava colunas e, com espuma emborrachada, fazia palmilhas ortopédicas sob medida. Era, ainda assim, a coisa mais próxima de um médico em nossa casa naquelas tardes de domingo. Quando jovem, tio Pete tinha se submetido a uma cirurgia para retirar metade do estômago, e por isso sempre bebia uma Pepsi-Cola depois do almoço, para ajudar na digestão. O refrigerante devia o nome à enzima digestiva pepsina, ele nos dizia com sua sabedoria, de modo que era adequado a tal fim.

Foi por esse tipo de conhecimento que meu pai acabou confiando no que disse tio Pete sobre o cronograma reprodutivo. Com a cabeça numa almofada, sem sapatos, *Madame Butterfly* girando suave no toca-discos dos meus pais, ele explicou que, observados num microscópio, os espermatozoides portadores de cromossomos masculinos nadavam mais rápido do que os portadores de cromossomos femininos. Essa afirmação causou imediata animação entre os donos de restaurantes e peleteiros reunidos em nossa sala de estar. Meu pai, porém, adotou a pose de sua escultura preferida, *O pensador*, cuja miniatura repousava do outro lado da sala, sobre a mesinha do telefone. Embora o tópico tivesse sido trazido à tona na atmosfera de livre debate daquelas sessões pós-almoço de domingo, estava claro, apesar do tom impessoal da discussão, que os espermatozoides em questão eram os do meu pai. Tio Pete esclareceu: para ter uma menina, um casal deveria “manter comunhão sexual vinte e quatro horas antes da ovulação”. Dessa forma, o lépido espermatozoide masculino se apressaria e acabaria morrendo. O feminino, mais preguiçoso porém mais confiável, chegaria lá bem quando o óvulo fosse liberado.

Meu pai teve dificuldades para convencer minha mãe a aderir ao plano. Tessie Zizmo era virgem quando, aos vinte e dois anos, se casou com Milton Stephanides. O período de noivado, que coincidiu com a Segunda Guerra Mundial, foi de castidade. Minha mãe se orgulhava de ter conseguido ao mesmo tempo provocar e extinguir o fogo do meu pai, mantendo-o, pela duração do cataclismo global, em banho-maria. O que não chegou a ser muito difícil, porém, uma vez que ela se encontrava em Detroit e ele, na Academia Naval em Annapolis. Por mais de um ano, Tessie acendeu velas para o noivo na igreja grega, enquanto Milton contemplava as fotografias da noiva afixadas em seu beliche. Gostava de fazer Tessie posar à maneira das modelos de revistas de cinema, de pé e de perfil, um dos sapatos de salto alto apoiado num degrau, um naco da meia-calça preta aparecendo. Minha mãe emerge como alguém surpreendentemente manipulável nessas fotos, como se nada a satisfizesse mais do que ter seu homem de uniforme lhe dando instruções enquanto ela ficava diante de varandas e postes de iluminação do bairro humilde onde moravam.

Só foi se render depois que o Japão o fez. Então, da noite do casamento em diante (de acordo com o que me contou meu irmão enquanto eu tapava os ouvidos), meus pais fizeram amor com regularidade e prazer. Quanto a ter filhos, porém, minha mãe tinha ideias próprias. Acreditava que um embrião era capaz de sentir com quanto amor havia sido concebido. Por essa razão, não recebeu bem o plano do meu pai.

“Do que você acha que estamos tratando aqui, Milt, das Olimpíadas?”

“A conversa era apenas teórica”, disse meu pai.

“O que o tio Pete sabe sobre ter bebês?”

“Ele leu o artigo sobre essa teoria na *Scientific American*”, Milton disse. E reforçou o argumento: “O tio Pete é assinante”.

“Olha, se eu desse um mau jeito nas costas, procurava o tio Pete. Se tivesse pé chato como você, também. Mas isso é tudo.”

“Esse negócio tem comprovação. No microscópio. Os espermatozoides masculinos são mais rápidos.”

“Aposto que são mais burros também.”

“Vai lá. Amaldiçoa os espermatozoides masculinos quanto quiser. À von-

tade. Não é um deles que queremos. O que queremos é um bom e velho, lerdo e confiável espermatozoide feminino.”

“Mesmo que seja verdade, isso é ridículo. Não consigo simplesmente fazer a coisa como um relóginho, Milt.”

“É mais difícil pra mim do que pra você.”

“Não quero mais saber dessa história.”

“Achava que você queria uma filha.”

“E quero.”

“Bom”, disse meu pai, “é desse jeito que podemos conseguir uma.”

Tessie riu, descartando a ideia. Mas, por trás do sarcasmo, havia uma séria objeção moral. Brincar com coisa misteriosa e miraculosa como o nascimento de uma criança era um ato fatal de insolência. Para começar, Tessie não acreditava que era possível. E, mesmo que fosse, não concordava que fosse certo tentar.

Claro, um narrador na minha condição (pré-fetal à época) não pode ter certeza de nada disso. Só consigo explicar a mania por ciência de que foi tomado meu pai na primavera de 1959 como um sintoma da crença no progresso, que, naquele momento, infectava a todos. Lembrem-se, o *Sputnik* tinha sido lançado apenas dois anos antes. A pólio, ameaça que mantivera meus pais em quarentena nos verões de sua infância, estava erradicada pela vacina Salk. As pessoas não faziam ideia de que vírus são mais espertos do que seres humanos, então pensavam que logo seriam coisa do passado. Nessa América otimista do pós-guerra, cujos estertores ainda vivi, todos eram senhores do próprio destino, de modo que, logicamente, meu pai tentava ser o senhor do seu.

Alguns dias depois de ter exposto seu plano a Tessie, Milton chegou em casa uma noite com um presente. Era uma caixa de joalheria envolta num laço de fita.

“Pra que isso?”, perguntou Tessie, desconfiada.

“Como assim, pra quê?”

“Não é meu aniversário. Não é nosso aniversário de casamento. Por que você está me dando um presente?”

“Precisa ter motivo pra isso? Vai. Abre.”

Tessie enrugou um dos cantos da boca, sem se deixar convencer. Mas

era difícil ficar com uma caixa de joalheria fechada nas mãos. Então, por fim, puxou uma das pontas do laço e abriu a caixa.

Dentro, sobre um forro de veludo preto, havia um termômetro.

“Um termômetro”, falou minha mãe.

“Não é um termômetro qualquer”, disse Milton. “Precisei passar em três farmácias diferentes pra achar esse aí.”

“Modelo de luxo, é?”

“Isso mesmo”, respondeu Milton. “É o que se chama de termômetro de precisão. Mede a temperatura até *um décimo de grau*.” Ele arqueou as sobrancelhas. “Termômetros normais só conseguem medir de dois em dois décimos. Experimenta. Põe na boca.”

“Não estou com febre”, disse Tessie.

“Isso não é pra medir febre. A gente usa pra saber qual é a temperatura basal do corpo. É mais exato e preciso que um termômetro normal.”

“Da próxima vez me dê um colar.”

Mas Milton insistiu: “A temperatura do seu corpo muda o tempo todo, Tess. Você pode não notar, mas muda. A gente está em fluxo constante, em termos de temperatura. Digamos, por exemplo” — uma tossidinha —, “que você por acaso esteja ovulando. Então sua temperatura sobe. Seis décimos de grau, na maior parte dos casos. Ai”, meu pai prosseguiu, sem reparar que a mulher franzira o cenho, “se fôssemos usar o sistema de que falamos outro dia — só como exemplo, vamos dizer —, a *primeira* coisa a fazer seria medir sua *temperatura basal*. Que talvez não seja trinta e sete graus. Varia um pouco de pessoa pra pessoa. Mais uma que aprendi com o tio Pete. Enfim, uma vez estabelecida sua *temperatura basal*, passaríamos a buscar aquele aumento de seis décimos de grau. E seria nessa hora que, se a ideia fosse levar a coisa adiante, seria nessa hora que a gente, sabe, misturaria o coquetel”.

Minha mãe não disse nada. Apenas guardou o termômetro de volta na caixa, que fechou e entregou ao meu pai.

“Ok”, ele disse. “Ótimo. Faça como quiser. Podemos ter outro menino. O número dois. Se é assim que você quer, assim será.”

“No momento não tenho certeza nem de que vamos ter alguma coisa”, respondeu minha mãe.

Enquanto isso, nos camarins, eu esperava para entrar no mundo. Nem sinal de brilho nos olhos do meu pai ainda (ele contemplava desanimado a caixa do termômetro em seu colo). Agora minha mãe se levanta da chamada namoradeira. Encaminha-se para a escada, uma das mãos na testa, e a probabilidade de algum dia eu vir ao mundo parece cada vez mais remota. Em seguida é meu pai que fica de pé e passa a fazer sua ronda, apagando luzes e trancando portas. Quando sobe a escada, de novo há esperança para mim. O timing precisava ser exato para eu me tornar a pessoa que sou. Se o ato fosse atrasado em uma hora, a seleção genética já teria mudado. Minha concepção ainda estava a semanas de distância, mas meus pais começavam, ali, sua lenta rota de colisão. No corredor do andar de cima, o abajur de Acrópole, presente da Jackie Halas, dona de uma loja de suvenires, está aceso. Minha mãe está dando tratos à vaidade quando meu pai entra no quarto. Usando dois dedos, ela massageia o rosto com creme, limpando-o em seguida com um lenço. Meu pai só precisaria ter dito uma palavra afetuosa e seria perdoado. Alguém parecido comigo, mas não eu, talvez tivesse sido concebido naquela noite. Um número infinito de seres em potencial se aglomerava à porta do quarto, entre eles eu, mas sem ter garantido o ingresso, as horas passando lentas, os planetas lá no alto girando na velocidade de sempre, e as condições climáticas dando sua contribuição também, pois minha mãe tinha medo de tempestades e se aconchegaria ao meu pai naquela noite, caso tivesse chovido. Mas não, o céu claro continuava firme, assim como a teimosia dos meus pais. A luz do quarto foi apagada. Cada um ficou do seu lado da cama. E, por fim, minha mãe: “Boa noite”. E meu pai: “Até amanhã”. Os momentos que culminariam na minha entrada em cena entraram nos eixos, como que por decreto. E é por isso, acho, que penso tanto neles.

No domingo seguinte, minha mãe levou Desdêmona e meu irmão à igreja. Meu pai, um apóstata desde os oito anos de idade por achar exorbitante o preço das velas votivas, nunca ia junto. Meu avô, igualmente, preferia dedicar as manhãs de domingo a uma tradução para o grego moderno dos poemas “restaurados” de Safo. Pelos sete anos seguintes, mesmo sofrendo seguidos derrames, meu avô trabalhou na pequena escrivania, coligindo os lendários fragmentos num mosaico maior, acrescentando uma estrofe aqui,

uma coda acolá, ajuntando um anapesto ou um iambo. De noite, tocava sua música de bordel e fumava narguilé.

Em 1959, a Igreja Ortodoxa Grega da Assunção ficava em Charlevoix. Ali se realizaria meu batismo menos de um ano depois, e minha educação sob a fé ortodoxa. A Assunção, com seus párocos rotativos, cada um deles enviado pelo próprio Patriarcado de Constantinopla, que chegavam até nós com a autoridade de suas longas barbas, de suas vestes bordadas de santidade, mas que se cansavam todos depois de um tempo — seis meses era a regra — por causa das desavenças na congregação, dos ataques pessoais a seu jeito de cantar, da necessidade constante de pedir silêncio aos paroquianos, que se comportavam na igreja como se estivessem no Tiger Stadium, e por fim por causa do esforço que era fazer o sermão duas vezes por semana, primeiro em grego, depois em inglês. A Assunção, com seus animados intervalos para o café, seu alicerce malfeito e seu telhado com goteiras, seus vigorosos festivais étnicos, suas aulas de catecismo que, por um breve momento, mantinham vivas em nós as tradições que em seguida se perderiam na grande diáspora. Tessie e companhia avançaram pelo corredor central e passaram pelas bandejas forradas de areia onde se depositavam as velas votivas. No alto, grande como uma alegoria da Macy's na parada do Dia de Ação de Graças, o Cristo Pantocrátor. Ele se curvava no domo como se fosse o próprio firmamento. Ao contrário dos Cristos terrenos, sofredores, representados à altura da nossa cabeça nas paredes da igreja, o Cristo Pantocrátor surgia em evidente transcendência, todo-poderoso, reinando nos céus. Estendia os braços para os apóstolos, abaixo dele, sobre o altar, apresentando-lhes os quatro rolos de pergaminho dos Evangelhos. E minha mãe, que ao longo da vida tentou crer em Deus sem nunca ter exatamente conseguido, buscava Nele, ali em cima, alguma orientação.

Os olhos do Cristo Pantocrátor bruxulearam à luz fraca. Pareciam querer sugar Tessie. Em meio aos rolos de fumaça de incenso, os olhos do Salvador brilhavam feito flashes televisivos de acontecimentos recentes...

Primeiro tinha sido Desdêmona, uma semana antes, aconselhando a nora: “Pra que você quer mais filhos, Tessie?”, perguntara a sogra, com estudada indiferença. Curvando-se para inspecionar o forno, disfarçando o alarme estampado no rosto (um alarme que seguiria inexplicado pelos dezesseis anos seguintes), Desdêmona rejeitava a ideia. “Mais criança, mais problema...”

Depois foi a vez do dr. Philobosian, nosso velho médico de família. Diplomas ancestrais atrás dele, o doutor deu o veredicto. “Bobagem. Espermatozoides masculinos que nadam mais rápido? Veja. O primeiro a ver espermatozoides num microscópio foi Leeuwenhoek. Sabe o que pareceram pra ele? Vermes...”

Aí veio Desdêmona outra vez, com um ponto de vista diferente: “Deus é que decide o que um bebê vai ser. Não você...”.

Foram essas as cenas que passaram na mente da minha mãe durante aquela interminável missa dominical. A congregação sentava e levantava. No primeiro banco, meus primos, Sócrates, Platão, Aristóteles e Cleópatra, não paravam quietos. O padre Mike emergiu por detrás da cortina adornada de ícones e balançou o incensário. Minha mãe tentava rezar, mas não adiantou. Mal conseguiu sobreviver até a hora do café.

Desde a tenra idade de doze anos, minha mãe era incapaz de começar o dia sem a ajuda de pelo menos duas xícaras de café bem forte, preto como piche e sem açúcar, um gosto que herdou dos pilotos de barcos rebocadores e dos solteirões descolados que lotavam a hospedaria onde foi criada. Ainda ginásiana, e já com um metro e cinquenta e cinco de altura, ela ocupava seu lugar, no refeitório, ao lado dos operários das montadoras, e tomava um café antes de seguir para as aulas. Enquanto eles conferiam os resultados do turfe, Tessie terminava a lição de casa de Moral e Cívica. Agora, no porão da igreja, depois de mandar o Um-Sete-Um sair dali e ir brincar com as outras crianças, serviu-se de café para tentar se restabelecer.

Estava na segunda xícara quando uma voz suave, de timbre feminino, soprou-lhe ao ouvido: “Bom dia, Tessie”. Era seu cunhado, o padre Michael Antoniou.

“Oi, padre Mike. Bela missa hoje”, falou Tessie, e imediatamente se arrependeu. O padre Mike era o pároco assistente na Assunção. Quando o pároco anterior foi embora de volta para Atenas, derrotado pelas más línguas depois de apenas três meses, a família teve esperança de ver o padre Mike ser promovido. Mas, no fim, mais um pároco estrangeiro, o padre Gregorios, assumiu o posto. Tia Zo, que nunca perdia uma oportunidade de se lamentar do próprio casamento, disse, durante um dos almoços, com sua voz de atriz: “Esse é meu marido. Sempre o segundo”.

Ao elogiar a missa, Tessie não pretendia elogiar o padre Greg. A situação se tornava ainda mais delicada pelo fato de que, anos antes, Tessie e Michael Antoniou haviam sido noivos. Agora ela era casada com Milton, e o padre Mike, com a irmã de Milton. Tessie tinha descido ali para tomar um café e espaiarecer, e o dia já começava a sair dos trilhos.

O padre Mike não pareceu ter notado o deslize, porém. Parado ali, continuou a sorrir, os olhos meigos encimando a cascata volumosa da barba. Homem de temperamento dócil, o padre Mike era popular entre as viúvas da igreja. Gostavam de rodeá-lo, oferecer-lhe biscoitos e banhar-se em sua essência beatífica. Parte de tal essência vinha do fato de o padre Mike estar perfeitamente contente com seu pouco mais de um metro e sessenta. Ser baixinho, no caso dele, era uma espécie de atestado de caridade, como se tivesse doado parte de sua altura. Parecia ter perdoado Tessie pelo rompimento do noivado, mas isso era algo sempre no ar entre eles, feito o pó de talco que às vezes escapava de seu colarinho clerical.

Sorrindo, segurando com cuidado a xícara de café e o pires, o padre Mike perguntou: “E então, Tessie, como vão as coisas em casa?”

Minha mãe sabia, claro, que o padre Mike, na qualidade de frequentador de nossos domingos em família, estava totalmente informado do plano do termômetro. Ao olhar em seus olhos, ela pensou ter detectado um quê de zombaria.

“Você vai lá em casa hoje”, disse, pouco se importando. “Pode conferir você mesmo.”

“Já estou ansioso”, respondeu o padre Mike. “As discussões na casa de vocês são sempre tão interessantes.”

Tessie contemplou novamente a expressão do padre Mike, mas agora parecia haver ali genuíno afeto. Foi quando aconteceu uma coisa que desviou totalmente sua atenção do cunhado.

Do outro lado da sala, Um-Sete-Um tinha trepado numa cadeira para alcançar a torneirinha da grande cafeteira. Tentava se servir, mas não conseguia mais fechar a torneira. O café escaldante se espalhava sobre a mesa e respingou numa menina que estava próxima. Ela deu um pulo e recuou. Da boca aberta não saía som nenhum. Muito veloz, minha mãe atravessou a sala e levou a menina ao banheiro feminino.

Ninguém se lembra do nome dela. Não tinha vindo com nenhum dos paroquianos assíduos. Nem grega era. Apareceu na igreja naquele dia e nunca mais, e parece que surgiu ali com o único propósito de fazer minha mãe mudar de ideia. No banheiro, a menina tirou a camisa respingada com o líquido fumegante enquanto Tessie lhe trazia toalhas úmidas. “Você está bem, querida? Se queimou?”

“Ele é muito desastrado, aquele menino”, disse a criança.

“Às vezes é, sim. Mete a mão em tudo.”

“Tem meninos que são muito buliçosos.”

Tessie sorriu. “Que vocabulário você tem.”

A menina abriu um grande sorriso ao ouvir o elogio. “‘Buliçoso’ é minha palavra favorita. Meu irmão é muito buliçoso. Mês passado minha palavra favorita era ‘túrgido’. Mas não dá pra usar muito ‘túrgido’. É que não tem muitas coisas ‘túrgidas’ por aí, se você parar pra pensar.”

“Você tem razão”, respondeu Tessie. “Mas gente buliçosa tem por toda parte.”

“Não poderíamos estar mais de acordo”, falou a menina.

Duas semanas depois. Domingo de Páscoa, 1959. Nossa adesão ao calendário juliano, por razões religiosas, mais uma vez nos deixava em descompasso com a vizinhança. Dois domingos antes, meu irmão assistia às outras crianças do quarteirão procurando ovos coloridos nos arbustos do bairro. Viu os amigos arrancarem a cabeça de coelhinhos de chocolate e enfiarem punhados de balas de goma na boca cheia de cáries. (Olhando da janela, o que meu irmão queria, mais do que qualquer coisa, era acreditar num Deus americano ressuscitado no dia certo.) Só no dia anterior é que tinham deixado o Um-Sete-Um pintar os próprios ovos, e de uma única cor: vermelho. Pela casa toda reluziam aqueles ovos vermelhos, sob os raios alongados do solstício. Ovos vermelhos transbordavam de vasilhas sobre a mesa da sala de jantar. Enchiam sacolas penduradas aos umbrais das portas. Abarrotavam o balcão e eram assados dentro de pães *tsoureki* em forma de cruz.

Mas agora já é fim de tarde; o almoço terminou. E meu irmão está sorrindo. Porque essa é a única parte da Páscoa grega de que ele gosta mais do que de procurar os ovinhos e as balas de goma: é a parte do jogo do que-

bra-ovos. Todo mundo se reúne em volta da mesa do almoço. Mordendo o lábio, Um-Sete-Um escolhe um ovo da vasilha, examina e devolve. Escolhe outro. “Esse parece bom”, diz Milton, selecionando um para si. “Resistente feito um carro-forte.” Milton oferece seu ovo ao ataque. Um-Sete-Um se prepara. É quando minha mãe aparece, de repente, e toca de leve as costas do meu pai.

“Só um minuto, Tessie. Estamos quebrando uns ovos aqui.”

Ela insiste. Cutuca mais forte as costas dele.

“Que foi?”

“Minha temperatura.” Ela faz uma pausa. “Está seis décimos mais alta.”

Ela tem usado o termômetro. É a primeira vez que conta ao meu pai.

“Agora?”, ele cochicha. “Jesus, Tessie, tem certeza?”

“Não, não tenho. Você me falou pra vigiar qualquer aumento de temperatura e estou dizendo que ela aumentou seis décimos de grau.” E baixando a voz: “Além do mais, faz treze dias da minha última... você sabe o quê”.

“Vamos, pai”, implora Um-Sete-Um.

“Tempo”, diz Milton. Coloca seu ovo no cinzeiro. “Este aqui é meu. Ninguém toca nele até eu voltar.”

No andar de cima, no quarto de casal, meus pais consumam o ato. O natural decoro filial me faz evitar imaginar a cena em muitos detalhes. Fico só com este: quando terminam, como se tivesse acabado de encher o tanque, meu pai diz: “Acho que já deu”. E por acaso estava certo. Em maio, Tessie descobre que está grávida, e a espera se inicia.

Com seis semanas, tenho olhos e ouvidos. Com sete, narinas, lábios até. Meus genitais começam a se formar. Os hormônios fetais, a partir de instruções dos cromossomos, inibem os ductos de Müller enquanto desenvolvem os de Wolff. Meus vinte e três pares de cromossomos se ligam e se cruzam, fazendo girar a roleta, meu *papou* põe a mão na barriga da minha mãe e diz: “Dois da sorte!”. Arregimentados, meus genes executam suas ordens. Todos menos dois, uma dupla de desgarrados — ou de revolucionários, conforme o ponto de vista — escondida no cromossomo de número 5. Juntos, os dois me surrupiam uma enzima, o que interrompe a produção de certo hormônio, o que complica minha vida.

Na sala de estar, os homens param de discutir política e fazem suas apostas quanto ao bebê de Milton, se será um menino ou uma menina. Meu pai está confiante. Vinte e quatro horas depois do ato, a temperatura basal da minha mãe aumentava outros dois décimos, confirmando a ovulação. Àquela altura, os espermatozoides masculinos tinham desistido, exaustos. Os femininos, como a tartaruga, venciam a corrida. (Foi quando Tessie entregou o termômetro a Milton e disse que nunca mais queria ver aquilo na frente dela.)

Tudo isso levou ao dia em que Desdêmona fez pender um talher sobre aquela barriga grávida. O ultrassom não existia na época; a colher era o melhor recurso. Desdêmona se agachou. Silêncio na cozinha. As demais mulheres mordiam os lábios, olhavam, esperavam. No primeiro minuto, a colher nem saiu do lugar. A mão de Desdêmona tremia e, após alguns longos segundos, tia Lina veio firmá-la. A colher girou; chutei; minha mãe berrou. E então, lentamente, movida por um vento que ninguém sentia, à maneira sobrenatural de um tabuleiro dos espíritos, a colher de prata começou a se mover, a balançar, de início em pequenos círculos mas, a cada volta, numa trajetória mais e mais elíptica, aplainando-se até se tornar retilínea, uma linha do forno à banquetta. Do norte para o sul, em outras palavras. Desdêmona soltou o grito: “*Koros!*”. E outros iguais irromperam na cozinha: “*Koros, koros*”.

Naquela noite, meu pai falou: “Vinte e três acertos seguidos: um dia ela tem que errar. Vai ser dessa vez. Confie em mim”.

“Não me importo se for um menino”, disse minha mãe. “De verdade. Desde que venha saudável, com dez dedos nas mãos e dez nos pés.”

“Como assim, ‘venha saudável’? É da minha filha que você está falando.”

Nasci uma semana depois do Ano-Novo, em 8 de janeiro de 1960. Na sala de espera, suprido apenas de charutos enfeitados com fitas rosa, meu pai gritou: “Bingo!”. Eu era uma menina. Pouco mais de quarenta e oito centímetros. Cerca de três quilos e trezentos gramas.

No mesmo dia 8 de janeiro, meu avô sofreu o primeiro de seus treze derrames. Acordado por meus pais, que saíam às pressas para o hospital, ele se levantou da cama e desceu para preparar uma xícara de café. Uma hora mais tarde, Desdêmona o encontrou caído no chão da cozinha. Embora suas faculdades mentais tenham se mantido intactas, enquanto eu dava meu pri-

meiro berro no Hospital de Mulheres, naquela manhã, *papou* perdia a capacidade de fala. De acordo com Desdêmona, meu avô desabou no chão logo depois de ter entornado a xícara para ler a sorte na borra.

Quando ficou sabendo qual era meu sexo, tio Pete se recusou a aceitar os parabéns. Não tinha mágica nenhuma. “E além disso”, brincou, “foi o Milt que teve todo o trabalho.” Desdêmona ficou melancólica. Seu filho nascido na América provara que estava com a razão e, diante dessa nova derrota, o velho país, no qual ela ainda tentava viver, apesar dos seis mil e quatrocentos quilômetros e trinta e oito anos de distância, se afastava um pouquinho mais. Minha chegada marcou o fim de suas adivinhações sobre bebês e o início do longo declínio de seu marido. Embora a caixa de bichos-da-seda reaparecesse de vez em quando, a colher não estava mais entre os tesouros ali guardados.

Saí do ventre da minha mãe para receber umas palmadas e uma limpeza de mangueira. Depois me enrolaram num cobertor e me puseram em exposição junto com outros seis bebês, quatro meninos e duas meninas, todos, ao contrário de mim, corretamente etiquetados. Não pode ser verdade, mas me lembro disso: faíscas lentamente preenchendo uma tela escura.

Alguém tinha ligado meus olhos.